

## Caminhos para a Inclusão:

### Desafios e Estratégias no Atendimento a Crianças com Autismo na Educação Infantil em Belém/PA

Thays Maria das Neves Caldeira<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-9179-2079>

Osvando dos Santos Alves<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-6589-9905>

#### RESUMO

A discussão e reflexão levantada neste texto é fruto de um estudo de caso realizado em uma Escola Pública Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental localizada no Município de Belém/PA. O objetivo é apresentar aspectos de como está sendo realizada a inclusão de crianças autistas na Escola Pública Municipal de Educação Infantil do Município de Belém/PA, e assim contribuir com as discussões na área. O caminho investigativo seguiu pela abordagem qualitativa e pelo estudo de caso. Os resultados evidenciam que a falta de suporte aos docentes tanto pessoal quanto material e ausência de estratégias diferenciadas para integrar a criança autista no grupo escolar tem sido um fator limitante para a efetivação da inclusão. Conclui-se que o professor desempenha um papel de liderança na criação de uma cultura inclusiva, e na adaptação do currículo para que crianças autistas tenham acesso ao processo de escolarização.

#### Palavras-chave

Autismo. Educação Infantil. Estudo de caso.

## Paths to Inclusion:

### Challenges and Strategies in Supporting Children with Autism in Early Childhood Education in Belém/PA

#### ABSTRACT

The discussion and reflection presented in this text are the result of a case study conducted at a Municipal Public School for Early Childhood and Elementary Education located in the Municipality of Belém/PA. The aim is to present aspects of how the inclusion of autistic children is being implemented at the Municipal Public School for Early Childhood Education in Belém/PA, and thus contribute to discussions in the field. The investigative approach followed a qualitative method and case study. The results highlight that the lack of support for teachers, both personal and material, and the absence of differentiated strategies to integrate autistic children into the school group have been limiting factors for effective inclusion. It is concluded that the teacher plays a leadership role in creating an inclusive culture and adapting the curriculum so that autistic children have access to the educational process.

#### Keywords

Autism. Early Childhood Education. Case Study.

Submetido em: 30/07/2024 – Aprovado em: 02/09/2024 – Publicado em: 02/09/2024

1 Professora e Técnica Pedagógica/Mestra em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (PPGEECA/UEPA), Secretaria Municipal de Educação de Belém, Pará.

2 Professor/Doutor em em Educação em Ciências e Matemática (REAMEC/UFMT-UFPA), Universidade do Estado do Pará, Pará.



## 1 INTRODUÇÃO

O presente texto é resultado de um estudo de caso realizado em uma Escola Pública Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental localizada no Município de Belém/PA.

A motivação da produção do texto surgiu a partir da vivência enquanto Coordenadora Pedagógica da Rede municipal de Belém/PA, e por compreender a necessidade de socialização do trabalho pedagógico que é desenvolvido com crianças autistas na Educação Infantil, uma vez que tem crescido a demanda deste atendimento nas Instituições de Ensino de um modo geral.

A importância da educação inclusiva reside no fato de que todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças e necessidades, têm o direito de receber uma educação de qualidade. A educação inclusiva visa garantir o acesso, a participação e o aprendizado de todos os alunos, independentemente de suas habilidades, deficiências, origem étnica, socioeconômica ou qualquer outra característica que os torne diferentes. Ela reconhece e valoriza a diversidade como algo positivo e enriquecedor para o processo de ensino-aprendizagem.

Ao promover a inclusão na educação, estamos construindo uma sociedade mais justa e igualitária, pois todos os estudantes são incluídos na comunidade escolar para desenvolver suas habilidades e potenciais, além de aprender a conviver e respeitar as diferenças.

O papel do professor na educação inclusiva é de extrema importância, pois é ele quem possui a responsabilidade de garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas diferenças e necessidades.

O objetivo deste texto é apresentar aspectos de como está sendo realizada a inclusão de crianças autistas na Educação Infantil no Município de Belém/PA e assim contribuir com as discussões na área. Para atingir este objetivo realizou-se uma revisão de literatura, pesquisa qualitativa e estudo de caso.

Desta forma, este texto trata da educação inclusiva com foco no Transtorno do Espectro Autista (TEA), ressaltando que os desafios podem ser diversos, uma vez que cada aluno autista é único e apresenta necessidades e características individuais.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

A inclusão na Educação Infantil tem sido um tema de crescente relevância nos debates educacionais contemporâneos. A ideia central é garantir que todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras, tenham acesso a uma educação de qualidade em ambientes que respeitem e promovam a diversidade (SILVA, 2021).

A inclusão de crianças com autismo na Educação Infantil tem um impacto profundo e multifacetado, abrangendo não apenas os próprios alunos com autismo, mas também suas famílias, colegas neurotípicos e a comunidade escolar como um todo (COSTA, 2020).

Para as crianças com autismo, a inclusão na Educação Infantil oferece oportunidades vitais para o desenvolvimento social e acadêmico. Estar em um ambiente inclusivo permite que essas crianças interajam com seus pares, promovendo a aprendizagem de habilidades sociais essenciais e modelagem de comportamentos apropriados. A exposição a um currículo adaptado e a métodos de ensino diversificados também beneficia seu progresso acadêmico, possibilitando que acessem e participem das atividades escolares de maneira significativa (FERREIRA, 2019). Além disso, a sensação de pertencimento e aceitação em um ambiente inclusivo é crucial para o desenvolvimento emocional, contribuindo para a autoestima e o bem-estar geral, ao mesmo tempo que ajuda a reduzir o estigma e a discriminação frequentemente associados ao autismo (ALMEIDA, 2022).

Para as famílias, a inclusão dos filhos com autismo na Educação Infantil traz um sentimento de alívio e esperança. Saber que seus filhos estão em um ambiente que os aceita e valoriza proporciona tranquilidade. As famílias se beneficiam do apoio contínuo e da comunicação com a escola, tornando-se parceiras ativas no processo educacional (MARTINS, 2021). Essa colaboração fortalece os vínculos entre escola e família, facilitando o desenvolvimento de estratégias eficazes para atender às necessidades específicas das crianças. Além disso, a inclusão promove uma visão positiva e realista do potencial dos filhos, incentivando as famílias a se envolverem mais nas atividades escolares e comunitárias (SANTOS, 2020).

Para as crianças neurotípicos, a convivência com colegas com autismo na Educação Infantil é uma oportunidade para desenvolver empatia, tolerância e respeito pela diversidade. Aprender a valorizar e respeitar as diferenças desde cedo contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e sensíveis às necessidades dos outros (OLIVEIRA, 2019). A inclusão promove a cooperação e a ajuda mútua, criando um ambiente onde a colaboração é incentivada e as habilidades de resolução de conflitos são aprimoradas. Essa experiência contribui para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e solidário, onde todos os alunos se sentem valorizados e respeitados (SILVA, 2021).

Para a comunidade escolar, a inclusão de crianças com autismo representa um enriquecimento da prática pedagógica e da cultura escolar. Professores e educadores são incentivados a buscar formação continuada e desenvolver competências específicas para atender à diversidade (FERREIRA, 2019). A necessidade de adaptar currículos e metodologias pedagógicas leva à inovação e à implementação de práticas inclusivas que beneficiam todos os alunos. A escola se torna um ambiente mais inclusivo e acolhedor, promovendo uma cultura de respeito e aceitação. Além disso, a colaboração entre professores, pais e profissionais de saúde se fortalece, criando uma rede de suporte que enriquece a experiência educacional de todos os envolvidos (ALMEIDA, 2022).

A inclusão de crianças com autismo na Educação Infantil tem um impacto abrangente e positivo, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças com autismo, fortalecendo as famílias, enriquecendo a experiência educativa dos colegas neurotípicos e promovendo uma cultura escolar mais inclusiva e acolhedora. No entanto, para que esses benefícios sejam plenamente alcançados, é crucial que haja um compromisso coletivo em fornecer os recursos, o suporte e as adaptações necessárias. Com práticas pedagógicas inclusivas e um ambiente acolhedor, a inclusão pode promover o desenvolvimento integral de todos os alunos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa (COSTA, 2020).

Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente manifestam comportamentos desafiadores, como agitação, estereotípias e dificuldades na autorregulação emocional. O TEA é definido por um conjunto de sintomas que afeta significativamente as áreas de socialização, comunicação e comportamento, sendo a interação social a área geralmente mais comprometida (SILVA et al., 2012, p. 6).

Diante desses desafios, é essencial que os professores desenvolvam estratégias eficazes para identificar e gerenciar as necessidades comportamentais dos alunos autistas. Tais estratégias incluem o uso de reforço positivo para promover comportamentos desejáveis, a implementação de rotinas estruturadas que proporcionem previsibilidade e segurança, e o fornecimento de suporte emocional que ajude na regulação das emoções e no desenvolvimento de habilidades sociais.

Uma abordagem centrada no aluno, que considere suas habilidades e necessidades individuais, é crucial para o sucesso da inclusão. Isso implica em um entendimento profundo das particularidades do aluno autista e na adaptação de práticas pedagógicas para atender às suas especificidades. A formação contínua dos professores e o apoio constante da equipe escolar são fundamentais para garantir que os educadores estejam bem-preparados e capacitados para enfrentar os desafios da educação inclusiva. Investir em formação especializada e em práticas colaborativas dentro da escola não apenas melhora a qualidade da educação oferecida aos alunos autistas, mas também fortalece a cultura inclusiva da instituição, beneficiando toda a comunidade escolar.

Além disso, é importante que as estratégias adotadas sejam acompanhadas de uma avaliação contínua e ajustadas conforme necessário, para que sejam eficazes e responsivas às mudanças nas necessidades dos alunos. Com um compromisso coletivo em proporcionar um ambiente educativo adaptado e acolhedor, é possível maximizar o potencial dos alunos autistas e promover uma verdadeira inclusão que respeite e valorize a diversidade. Segundo a Declaração da Salamanca (1994):

“Os currículos devem adaptar-se às necessidades da criança e não vice-versa. As escolas, portanto, terão de fornecer oportunidades curriculares que correspondam às crianças com capacidades e interesses distintos. As crianças com necessidades especiais devem receber apoio pedagógico suplementar no contexto do currículo regular e não um currículo diferente. O princípio orientador será o de fornecer toda a mesma educação, proporcionando assistência e os apoios suplementares aos que deles necessitem” (p. 22).

Dado esse contexto, o papel do educador na Educação Inclusiva é multifacetado e essencial para o sucesso de uma abordagem pedagógica verdadeiramente inclusiva. Primeiramente, o profissional deve possuir uma compreensão abrangente das diversas metodologias de ensino, estratégias de aprendizagem e recursos pedagógicos que atendem às variadas necessidades dos alunos. Essa expertise vai além do conhecimento técnico, incluindo a capacidade de aplicar abordagens diferenciadas que considerem a diversidade de habilidades e interesses presentes na sala de aula.

Para efetivamente adaptar o currículo e as atividades, o educador deve adotar uma postura flexível e criativa, utilizando a diferenciação pedagógica como ferramenta para transformar o ensino em uma experiência relevante e envolvente para cada aluno. Isso requer não apenas ajustes nas práticas de ensino, mas também uma profunda análise das necessidades individuais dos alunos e uma constante adaptação das estratégias de ensino.

Além disso, o educador deve ser um facilitador da aprendizagem personalizada, que se baseia em um entendimento detalhado das motivações e preferências dos alunos. A capacidade de integrar tecnologias educacionais e recursos inovadores pode desempenhar um papel crucial na criação de ambientes de aprendizagem inclusivos, promovendo a participação ativa e o engajamento dos alunos. O uso de tecnologias assistivas e recursos digitais pode, por exemplo, proporcionar novas formas de interação e expressão para alunos com diferentes perfis de aprendizagem.

Para alcançar esses objetivos, a formação contínua do educador é imperativa. Participar de treinamentos especializados e colaborar com outros profissionais da educação permite a atualização constante das práticas pedagógicas e a incorporação de novas estratégias e ferramentas. A troca de experiências e conhecimentos dentro da comunidade escolar também é fundamental para o desenvolvimento de práticas inclusivas que respeitem e valorizem a diversidade.

Em suma, o educador na Educação Inclusiva deve ser um inovador pedagógico, adaptando-se continuamente às necessidades dos alunos e utilizando uma combinação de metodologias tradicionais e inovadoras para criar um ambiente educacional que promova o aprendizado significativo e equitativo para todos.

Além de garantir o acesso às escolas e adaptar currículos e metodologias para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a inclusão desses alunos na Educação Infantil gera um impacto profundo e transformador na redução do estigma.

Em ambientes inclusivos, a interação cotidiana entre crianças com e sem autismo desempenha um papel essencial na desconstrução de preconceitos e na promoção de uma cultura de aceitação e respeito.

Quando crianças com autismo são inseridas em salas de aula regulares desde cedo, a diversidade se torna uma parte natural e visível do cotidiano escolar. A convivência contínua permite que as diferenças sejam observadas e compreendidas de forma orgânica, contribuindo para a normalização das características associadas ao autismo. Isso não apenas reduz a percepção de que essas características são “anormais” ou “erradas”, mas também promove a ideia de que a diversidade é uma riqueza, e não uma exceção.

A presença de crianças com TEA em ambientes inclusivos facilita a formação de vínculos afetivos significativos entre colegas com e sem autismo. Tais relacionamentos são fundamentais para o desenvolvimento da empatia, pois permitem que as crianças neurotípicas se conectem com as experiências e desafios de seus pares com TEA. Através dessas interações, a empatia se manifesta em comportamentos de apoio e inclusão, cultivando um ambiente escolar que valoriza a solidariedade e a compreensão mútua.

O papel dos professores e educadores é crucial nesse processo. Eles não apenas facilitam a inclusão acadêmica e social, mas também servem como modelos de comportamento inclusivo. Ao demonstrar respeito e aceitação, os educadores influenciam as atitudes das crianças, que frequentemente imitam os comportamentos que observam em figuras de autoridade. Esses exemplos positivos ajudam a estabelecer normas de interação que favorecem a inclusão e o respeito pela diversidade.

A redução do estigma gerada em ambientes escolares inclusivos tem um impacto que vai além dos limites da escola. Crianças que crescem em contextos inclusivos desenvolvem atitudes mais abertas e respeitadas que se refletem em outros aspectos da vida social. Esse processo fomenta uma cultura de inclusão que transcende o ambiente escolar e permeia diversos contextos sociais, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa.

Portanto, ao promover a convivência diária, normalizar as diferenças, fomentar o desenvolvimento da empatia e modelar comportamentos inclusivos, as escolas desempenham um papel vital na construção de uma sociedade onde a aceitação e a diversidade são valorizadas como parte integrante do tecido social. A inclusão na Educação Infantil não apenas transforma o ambiente escolar, mas também semeia valores que moldarão uma sociedade mais inclusiva e solidária no futuro.

### 3 METODOLOGIA

O caminho metodológico desta investigação teve uma abordagem qualitativa, pois valoriza questões da ordem da compreensão e leva em consideração a perspectiva dos sujeitos envolvidos na situação enfocada, uma vez que esta pode ser entendida a partir de diferentes pontos de vistas.

A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, pois procura o aprofundamento de uma realidade específica, assim conseguimos entender melhor os acontecimentos que levaram a uma determinada situação sem a necessidade de generalização (TRIVIÑOS, 2015).

Os dados foram produzidos por meio de questionário aberto destinado à professora colaboradora da pesquisa. A escolha pela utilização do questionário aberto se deu, porque este instrumento permite responder perguntas livremente usando linguagem própria, oportunizando ao participante a possibilidade de emitir opiniões (TRIVINÕS, 2015).

Quanto a análise de dados, está se baseou em Bardin (2016) que sugere uma organização em 1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) tratamento e interpretação dos resultados obtidos.

Participou desta pesquisa uma professora graduada em Pedagogia. A entrevista foi realizada de acordo com a disponibilidade da colaboradora da pesquisa, a aplicação ocorreu em seus tempos livres na escola. A colaboradora da pesquisa aparece identificada no corpo do texto com "A" para manter o sigilo de sua identidade.

O lócus da pesquisa foi uma Escola de Educação Infantil e Fundamental do município de Belém/PA, a escolha se deu por ser o local em que atuo na Coordenação Pedagógica e que motivou a pesquisa.

Para participação da colaboradora da pesquisa, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### 4 RESULTADOS

O estudo de caso se refere à criança autista "B", com 5 anos de idade e matriculado em turma de Jardim II. A observação das aulas da professora "A" ocorreu nos meses de maio e junho de 2023, período de produção do relatório de desenvolvimento da criança referente ao primeiro semestre letivo.

Em relação ao diagnóstico, a criança "B" possui laudo desde o ano de 2022 em que começou a frequentar a Instituição de Ensino lócus da pesquisa, no entanto, apesar do laudo a criança não realiza acompanhamento com especialistas ou realiza as terapias que foram indicadas pelo Neuropediatra, pois os responsáveis informaram a escola que devido ao trabalho não conseguem encaixar os horários de atendimento. Desta forma, a criança apenas é acompanhada na escola.

No relatório individual semestral da criança a professora “A” destaca que neste semestre a criança “B” demonstrou um bom desenvolvimento global, adquirindo novos conhecimentos ao participar das experiências promovidas pelas situações pedagógicas.

Na coleta de dados realizada a partir da entrevista semiestruturada com a professora “A” é possível um entendimento do processo de inclusão desta criança nas práticas pedagógicas realizadas.

Adiante, as perguntas do questionário realizadas para a professora “A”: Como tem sido o processo de adaptação da criança a turma e quais estratégias têm sido utilizadas em sala?

**Professora A:** “Sabendo que cada criança é única e o período de acolhimento acontece de forma diferente para cada uma, observou-se que “B”, passou a demonstrar certo desconforto com o grupo de crianças. Percebeu-se essa insegurança no momento de brincadeiras coletivas, no qual ele utilizou o choro e o corpo, com o ato de se jogar no chão, como forma de expressar o que estava sentindo. Por compreender que “B” ainda está em adaptação, buscou-se mecanismos para acolher seus sentimentos com afeto, sendo muitas vezes convidado para o abraço e colo. Observei que essa atenção individualizada faz com que “B” se sinta mais seguro e calmo. Aos poucos tenho propiciado mais estímulos coletivos no objetivo de obter avanços emocionais e sociais, colocando-o assim de encontro com situações que seja necessário repartir e lidar com os conflitos entre seus pares”.

Com a seguinte pergunta a professora: A partir de quais instrumentos foram levantados os aspectos do desenvolvimento da criança e qual atividade demonstrou mais interesse em sala?

**Professora A:** “Várias atividades planejadas foram sendo trazidas e realizadas durante o semestre, sempre contextualizadas e cheias de significado. Percebeu-se o quanto a criança se conectava e se concentrava, principalmente nos momentos de desenho e empilhamento e emparelhamento de objetos concretos. Muitos aprendizados podem ser construídos através do brincar, ao empilhar e emparelhar “B” já está utilizando o raciocínio lógico para classificar as peças por cor e tamanho e dividindo-as para que todos ficassem com a mesma quantidade”

Em outra pergunta para a professora: Em sua opinião o aluno autista na sala regular consegue ser atendido com a atenção necessária?

**Professora A:** “Dentro da sala de aula, em vários momentos, a criança “B” preferia explorar os espaços e objetos sozinho, apresentando certa dificuldade em compartilhar brinquedos e auxiliar na organização do ambiente, olhando pelo aspecto social é muito importante que a criança esteja em sala, mas pelo lado da aprendizagem de habilidades é complicado pois tenho uma turma com 20 crianças de 5 anos realizando atividades agitadas e eu tenho que dar atenção para todos e por outro lado tem uma criança que tem mostrado desenvolvimento apenas em atendimentos individualizados, muitas vezes preciso escolher se atendo as necessidades da turma ou a da criança autista, sempre um acaba ficando um pouco de fora do contexto”.

## 5 DISCUSSÃO

A análise dos dados apresentados sobre a criança autista “B” oferece uma visão crítica sobre os desafios e as estratégias de inclusão em um ambiente educacional regular. O estudo de caso revela tanto os avanços quanto as dificuldades enfrentadas durante o processo de inclusão de “B” na turma de Jardim II.

A criança “B”, de 5 anos, apresentou um laudo de diagnóstico de autismo desde 2022, e começou a frequentar a instituição de ensino onde o estudo foi conduzido. No entanto, a falta de acompanhamento especializado fora da escola, devido à indisponibilidade dos responsáveis para compromissos de terapia, pode limitar significativamente o suporte oferecido a “B” (SILVA, 2012). A ausência de terapia especializada é uma lacuna crítica, já que o suporte terapêutico é essencial para o desenvolvimento integral de crianças com TEA (CUNHA, 2014).

A professora “A” relata uma abordagem cuidadosa e individualizada para a adaptação de “B”. As estratégias utilizadas incluem acolhimento emocional, como oferecer abraços e colo, o que tem sido eficaz para ajudar “B” a se sentir mais seguro e calmo durante o período de adaptação. A professora também introduziu atividades coletivas gradualmente para promover avanços emocionais e sociais, o que é uma prática recomendada para evitar sobrecarga sensorial e permitir uma adaptação progressiva (SILVA, 2012).

Apesar dessas estratégias, a dependência exclusiva do acolhimento emocional e da atenção individualizada pode limitar o escopo do suporte oferecido. A literatura sugere que a inclusão eficaz deve envolver uma gama diversificada de estratégias, incluindo materiais visuais e comunicação alternativa, para atender às diversas necessidades dos alunos com TEA (FERREIRA, 2021). A observação de “B” durante atividades como desenho e empilhamento de objetos mostra que ele se engaja bem em atividades que envolvem raciocínio lógico e manipulação de objetos, indicando áreas de interesse e força que podem ser exploradas mais amplamente (CUNHA, 2014).

A professora “A” também menciona uma dificuldade significativa em equilibrar a atenção entre a criança autista e os outros 20 alunos da turma. A dificuldade em compartilhar brinquedos e auxiliar na organização do ambiente é destacada como uma área de desafio social para “B”. Esse desafio é amplificado pela necessidade de a professora escolher entre atender às necessidades individuais de “B” e às necessidades da turma como um todo. Essa situação ilustra um problema comum em salas de aula inclusivas: a limitação de recursos e a dificuldade de oferecer suporte individualizado sem comprometer a atenção dedicada ao restante da turma (SILVA, 2012).

A presença de um assistente educacional especializado poderia ser uma solução potencial para equilibrar essas demandas. Esse profissional poderia oferecer suporte adicional para “B”, permitindo que a professora mantenha um foco adequado em toda a turma (CUNHA, 2014). A integração de estratégias mais diversificadas e a colaboração com outros profissionais poderiam fortalecer a abordagem inclusiva e assegurar um suporte mais abrangente e eficaz para todos os alunos.

A análise do ambiente físico e da rotina escolar revela que a organização do espaço e a estrutura das atividades podem influenciar significativamente o processo de inclusão de crianças com TEA. O ambiente de sala de aula descrito, com 20 crianças participando de atividades dinâmicas, pode apresentar desafios sensoriais e comportamentais para “B”. Estudos indicam que crianças com TEA podem ser sensíveis a estímulos sensoriais e mudanças de rotina, o que pode contribuir para o desconforto e a dificuldade de adaptação (CUNHA, 2014). A adaptação do ambiente físico — como a criação de áreas de calma, o uso de ferramentas sensoriais e a implementação de rotinas previsíveis — pode melhorar significativamente a experiência de inclusão para “B” e outras crianças com necessidades semelhantes (MARTINS, 2021).

O papel da família no processo de inclusão é crucial, especialmente quando os responsáveis não conseguem cumprir com as terapias recomendadas devido a restrições de tempo. A comunicação efetiva entre escola e família é fundamental para garantir que as estratégias de inclusão sejam complementadas por suporte adicional em casa. A falta de acompanhamento terapêutico pode limitar o progresso de “B”, tornando a colaboração estreita entre educadores e familiares ainda mais essencial. Estruturas de apoio, como reuniões regulares entre a escola e a família, podem proporcionar uma visão mais holística das necessidades da criança e promover uma abordagem mais coesa e eficaz (SILVA, 2012).

A observação da professora “A” sobre a preferência de “B” por explorar o ambiente sozinho e a dificuldade em compartilhar brinquedos aponta para a necessidade de desenvolvimento da autonomia e autorregulação. A promoção de habilidades de autorregulação é essencial para o sucesso acadêmico e social das crianças com TEA. Estratégias que incentivem a independência, como o uso de sistemas de recompensas, a prática de habilidades sociais e a implementação de técnicas de autorregulação, podem ser integradas para ajudar “B” a melhorar seu comportamento e interação com os colegas (FERREIRA, 2021). Atividades estruturadas que promovam o desenvolvimento de habilidades de autorregulação e de resolução de conflitos podem ser incorporadas à rotina diária.

Tecnologias como aplicativos de comunicação, softwares educacionais e dispositivos de apoio podem proporcionar suporte adicional para crianças com TEA, facilitando a comunicação e a aprendizagem (MARTINS, 2021). A utilização de tecnologias assistivas pode complementar as práticas pedagógicas e oferecer alternativas eficazes para a expressão e o engajamento de “B” nas atividades escolares.

A formação contínua dos educadores é essencial para garantir que eles estejam atualizados com as melhores práticas e estratégias para a inclusão de crianças com TEA. O desenvolvimento profissional dos professores pode incluir treinamentos sobre o TEA, metodologias de ensino inclusivas e técnicas de manejo comportamental (FERREIRA, 2021). Investir na formação contínua dos educadores não só melhora a qualidade do suporte oferecido, mas também promove um ambiente escolar mais adaptável e receptivo às necessidades diversas dos alunos.

A avaliação contínua das práticas de inclusão e a coleta de feedback são fundamentais para o aprimoramento do processo de inclusão. A implementação de sistemas de avaliação regular, incluindo a análise do progresso de “B” e a coleta de feedback de colegas, familiares e profissionais, pode ajudar a identificar áreas de melhoria e ajustar as estratégias pedagógicas conforme necessário (MARTINS, 2021). A avaliação contínua permite que a escola faça ajustes dinâmicos para atender melhor às necessidades individuais e garantir uma experiência de aprendizagem eficaz e inclusiva.

A análise dos dados sugere que a inclusão de “B” na turma de Jardim II é marcada por esforços significativos e um compromisso claro da professora “A” em adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades da criança. No entanto, a falta de acompanhamento terapêutico especializado e a necessidade de um suporte mais abrangente e diversificado são questões que devem ser abordadas. A implementação de estratégias educacionais e emocionais mais variadas, a colaboração com especialistas e a possível introdução de um assistente educacional especializado poderiam melhorar ainda mais a eficácia da inclusão e proporcionar um ambiente de aprendizagem mais equilibrado e inclusivo para “B” e para a turma como um todo.

## 6 CONCLUSÃO

Na Educação Inclusiva, o papel do professor é multifacetado e crucial para o sucesso do processo educacional, especialmente quando se trata de atender às necessidades específicas de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O professor deve adotar uma abordagem que vai além da simples adaptação de estratégias pedagógicas, englobando um entendimento profundo das necessidades individuais e a construção de um ambiente que promova a inclusão genuína.

Para começar, é imperativo que o professor não apenas identifique, mas também compreenda as complexidades associadas ao espectro autista. As dificuldades de comunicação, interação social e comportamentos repetitivos que caracterizam o TEA exigem que o educador desenvolva e implemente estratégias de ensino altamente personalizadas e adaptativas. A criação de um currículo que seja ao mesmo tempo flexível e estruturado é essencial para atender às necessidades diversas desses alunos. Por exemplo, a integração de recursos visuais, a simplificação de tarefas e a promoção de atividades práticas podem facilitar a aprendizagem e a adaptação dos alunos autistas, permitindo-lhes participar de forma mais ativa e significativa no ambiente escolar.

Adicionalmente, o professor deve atuar como um facilitador da comunicação eficaz, promovendo não apenas o uso de linguagem clara e direta, mas também a implementação de sistemas de comunicação alternativa quando necessário. Isso pode incluir o uso de imagens, gestos ou dispositivos de comunicação assistiva, que são ferramentas valiosas para alunos com dificuldades na comunicação verbal e não verbal. Tais práticas não apenas melhoram a interação social dos alunos autistas, mas também contribuem para a construção de uma rede de apoio mais sólida dentro da sala de aula.

Outro aspecto crucial é a colaboração constante com outros profissionais da educação, como psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais. A integração de múltiplas perspectivas e expertises pode proporcionar um suporte mais abrangente e coordenado, assegurando que as necessidades do aluno sejam abordadas de maneira holística e eficaz. A colaboração deve se estender também à comunicação com os pais e responsáveis, pois uma parceria efetiva entre a escola e a família é vital para o sucesso do processo educativo. Através de uma comunicação aberta e frequente, o professor pode compartilhar informações sobre o progresso do aluno e envolver os pais no desenvolvimento de estratégias que podem ser aplicadas em casa.

Além de suas responsabilidades acadêmicas e pedagógicas, o professor desempenha um papel de liderança na promoção de uma cultura inclusiva dentro da escola. Isso envolve a criação de um ambiente que não apenas aceita, mas celebra a diversidade, e que é orientado para o desenvolvimento socioemocional de todos os alunos. O impacto positivo da inclusão se estende além das paredes da sala de aula, influenciando a formação de uma sociedade mais justa e equitativa.

A análise do caso da criança “B” revela aspectos significativos sobre o processo de inclusão e o impacto das práticas pedagógicas na Educação Infantil para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O fato de “B” não receber acompanhamento especializado fora do ambiente escolar e depender exclusivamente do suporte da professora “A” ressalta a importância de um suporte integrado e multidisciplinar para atender às necessidades complexas desses alunos. A professora “A” demonstrou uma abordagem sensível e adaptativa, oferecendo acolhimento emocional e ajustando gradualmente as atividades para promover o desenvolvimento social e emocional de “B”. No entanto, a observação de que a criança se beneficiou mais de atendimentos individualizados e apresentou dificuldades em interações coletivas evidencia uma lacuna no equilíbrio entre a atenção às necessidades individuais e a participação em atividades grupais.

A falta de acompanhamento terapêutico especializado para “B” sugere a necessidade urgente de estratégias para garantir que os alunos com TEA recebam um suporte contínuo e abrangente. A integração de especialistas e a coordenação entre diferentes serviços poderiam otimizar o suporte oferecido, melhorando tanto o desenvolvimento acadêmico quanto as habilidades sociais dos alunos. Além disso, a experiência de “B” destaca a importância de criar ambientes de aprendizagem que sejam flexíveis e responsivos às necessidades de cada aluno, ao mesmo tempo em que garantam a participação efetiva em atividades coletivas. Portanto, a implementação de rotinas estruturadas e o fortalecimento da colaboração entre educadores, famílias e profissionais especializados são fundamentais para aprimorar a inclusão e assegurar que todos os alunos, independentemente de suas necessidades, possam alcançar seu pleno potencial.

Este artigo buscou contribuir para as discussões sobre a educação inclusiva ao explorar as práticas e desafios enfrentados na inclusão de crianças com TEA. É evidente que, para promover uma inclusão eficaz, é necessário um compromisso contínuo com a adaptação do ensino, a colaboração entre profissionais e a comunicação com os pais. A formação de um ambiente de aprendizagem inclusivo é fundamental não apenas para o sucesso acadêmico dos alunos com autismo, mas também para o desenvolvimento de uma cultura escolar que valoriza e promove a diversidade como um bem coletivo.

Em suma, a inclusão de alunos com TEA requer uma abordagem integrada e reflexiva que considere as necessidades individuais e ofereça suporte abrangente. Ao continuar a explorar e implementar práticas inclusivas, podemos avançar para um sistema educacional que verdadeiramente acolhe e valoriza todas as crianças, promovendo um futuro mais inclusivo e equitativo para todos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. **Inclusão e desenvolvimento emocional**: um estudo com crianças autistas. *Revista Brasileira de Educação Inclusiva*, v. 18, n. 2, p. 45-60, 2022.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**.
- COSTA, A. M. **Impactos da inclusão de crianças com autismo na escola**: uma abordagem multidimensional. *Educação e Sociedade*, v. 41, n. 3, p. 125-140, 2020.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak, 2014.
- CUNHA, J. M. A. **O Transtorno do Espectro Autista e a Educação**: *Desafios e Perspectivas*. São Paulo: Editora Educação e Sociedade, 2014.
- FERREIRA, L. R. **Currículo adaptado e estratégias pedagógicas para crianças com autismo**. *Revista de Estudos em Educação*, v. 22, n. 1, p. 78-92, 2019.
- FERREIRA, L. R. **Inovação pedagógica e inclusão escolar**: uma análise das práticas atuais. *Educação e Sociedade*, v. 42, n. 1, p. 45-60, 2021.
- MARTINS, T. L. **A parceria entre escola e família na inclusão de crianças com autismo**. *Educação e Família*, v. 19, n. 1, p. 33-48, 2021.
- MARTINS, T. P. **Tecnologias Assistivas na Educação Inclusiva**: *Potencialidades e Desafios*. *Revista de Educação Especial*, v. 30, n. 2, p. 89-104, 2021.
- OLIVEIRA, F. Empatia e respeito na convivência escolar: o papel da inclusão. **Jornal de Psicologia Escolar**, v. 20, n. 4, p. 99-113, 2019.
- SANTOS, M. A. Inclusão escolar e envolvimento familiar: perspectivas e práticas. **Revista Brasileira de Psicologia Educacional**, v. 29, n. 3, p. 67-82, 2020.
- SILVA, R. A. **A empatia e o respeito em ambientes escolares inclusivos**. *Revista Brasileira de Educação Inclusiva*, v. 26, n. 1, p. 67-82, 2022.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular**: Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.
- SILVA, R. A. Inclusão e diversidade: desafios e avanços na Educação Infantil. **Revista de Educação Inclusiva**, v. 25, n. 2, p. 123-137, 2021.
- TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2015.